

Campanha faz homenagem às mães que trabalham na linha de frente do combate ao novo coronavírus

Iniciativa promovida pela plataforma Free Free, em parceria com Ministério Público do Estado de São Paulo, promove live com Thelma Assis, médica e vencedora do BBB 20, para prestar homenagem às profissionais de saúde

[\(Celina/O Globo - 08/05/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Médicas, enfermeiras, auxiliares, técnicas de enfermagem e **mães**. Uma campanha promovida pela plataforma **Free Free** em parceria com o **Ministério Público do Estado de São Paulo** presta homenagem a essas mulheres, que deixaram suas famílias e decidiram se dedicar ao enfrentamento à [pandemia de Covid-19](#).

Escolhidas para representar as mães que estão na linha de frente no combate ao novo **coronavírus**, estão seis mulheres de São Paulo e Manaus. Através de relatos compartilhados por teleconferência, elas contam suas experiências, falam sobre seus medos, dificuldades e desafios neste período de crise. Por meio dos depoimentos, podemos conhecer quem são as mulheres por trás das máscaras, que colocam a própria vida em risco para salvar as de tantos outros.

— Queremos dar voz e o devido reconhecimento a essas mulheres guerreiras, que deixam seus filhos em casa e colocam suas vidas em risco em uma verdadeira demonstração de amor ao próximo. Elas são as verdadeiras heroínas e queremos que elas saibam e se sintam dessa maneira — diz **Yasmine McDougall Sterea**, presidente do Free Free, uma plataforma multidisciplinar e instituto que promove palestras e workshops com foco em promover a [liberdade da mulher](#).

— As mulheres sofreram um impacto estrutural em suas vidas com a Covid-19. Além do medo, do confinamento, a dupla jornada se transformou

em jornada integral. Para médicas, que são a maioria dos profissionais na linha de frente, há ainda o afastamento da família, a privação do sono e o fato de conviverem diariamente com a morte. Elas são mulheres-maravilha da vida real — relata a promotora **Valéria Scarance**, coordenadora do Núcleo de Gênero do Ministério Público de São Paulo.

Como parte da iniciativa, a plataforma Free Free promove neste sábado, às 16h, uma live no Instagram com **Thelma Assis**, médica e vencedora do BBB 20, para falar sobre o tema.



A médica da família Lidia Martins recebe homenagem em campanha promovida pela plataforma Free Free em parceria com o Ministério Público de SP. Foto: Divulgação

‘Rede de apoio’

Em um dos depoimentos, a médica da família Lidia Martins, conta como sua

rotina mudou com a chegada da pandemia. Ela atua em uma unidade básica de saúde de Manaus que se tornou uma das referências para casos suspeitos com sintomas leves e moderados de Covid-19. Lidia conta que a cidade está no seu pior cenário, com pouco respeito ao isolamento social e mais de 100 enterros por dia.

“Com meus pais, avós e minha irmã, que está grávida, não convivo há dois meses”, conta Lidia, que mora com o marido, também médico, e com o filho, que é autista.

“Daniel não vai mais para a escola, não pode mais conviver com a tia tão querida e não vai mais para as terapias e à natação... e agora? Prazer, continuo sendo a mãe que também é médica, mas agora é terapeuta e professora”, relata Lidia, dizendo que não faz isso sozinha.

“Você não consegue sozinha, eu descobri isso cedo. É preciso ter uma rede de apoio. Se até hoje eu consegui exercer minha profissão e ser uma mãe presente, é porque tenho a minha rede.”

Leia o depoimento na íntegra:

No dia 13 de março eu fui chamada às pressas na sala de reunião da UBS em que trabalho. Naquela tarde soube que minha unidade seria uma das referências para casos suspeitos com sintomas leves a moderados de Covid-19. No dia seguinte foi declarada a pandemia. Entrei em choque, desespero... sabia das consequências de uma pandemia.

Manaus está no seu pior cenário. Se você sair hoje vai ver na periferia uma quantidade absurda de carros nas ruas, muitos idosos nas paradas de ônibus, no centro tem pessoas fazendo atividade física na rua sem a distância segura, algumas sem máscaras. Do outro lado temos uma média de 100 enterros por dia, aumento de 108% comparado ao ano passado.

Com meus pais, avós e minha irmã que está grávida não convivo há dois meses. Tive que me afastar para o bem deles. Eu e meu marido que somos médicos sabemos que é uma questão de tempo até que a gente se infecte, e nosso filho, que está conosco, é o motivo real do nosso medo e pavor.

Eu descobri que meu filho estava dentro do Espectro do Autismo quando ele tinha 1 ano e 6 meses. Tivemos que sair do interior do Acre e voltar para Manaus porque ele precisava iniciar as terapias. A pandemia chegou e bagunçou tudo... Daniel não vai mais para a escola, não pode mais conviver com a tia tão querida e não vai mais para as terapias e a natação... e agora? Prazer continuo sendo a mãe que também é médica, mas agora é terapeuta e professora. E todo dia agradeço a Deus por poder cuidar dele e antes de dormir arrancar as risadas mais gostosas com as histórias mirabolantes que saem das nossas imaginações.

Sobre ser mãe e médica? Você não consegue sozinha, eu descobri isso cedo... é preciso de uma rede de apoio. Ser mãe de uma criança atípica requer muita ajuda e tenho toda a humildade do mundo de reconhecer que eu e meu esposo não teríamos chegado até aqui com nosso filho sem essa rede (avós, tia/tios, terapeutas e escola). Se até hoje eu consegui exercer minha profissão e ser uma mãe presente é porque eu tenho a minha rede. Coloco meu filho como prioridade e tento sempre que chego no meu ambiente de trabalho dar o meu melhor ali, ser proativa e tratar bem a todos, isso me faz bem. Mas no final do dia eu só quero chegar em casa e ficar com a minha família, ser mãe!

Lidia Martins
Médica de Família e Comunidade

A médica da família Lidia Martins em depoimento para a campanha promovida pela plataforma Free Free em parceria com o Ministério Público de SP

Thelma vence o BBB 20 e mostra ao Brasil que lutas feminista e antirracista têm que andar juntas

A médica não se calou diante do machismo e nem diante do racismo durante o confinamento

[\(O Globo/Celina, 28/04/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Essencialmente, o “**Big Brother Brasil**” é um programa de entretenimento. Mas, inevitavelmente, ele acaba evidenciando problemas que estão presentes no nosso dia a dia e levantando questões que transcendem um reality show. Não foi a primeira vez que o **machismo** e o **racismo** estiveram na pauta do programa — seja entre seus participantes, seja no debate público nas redes sociais. O inédito no “**BBB 20**” foi que estas discussões fizeram parte da essência da narrativa do programa, dentro e fora da casa, e culminaram na bela (e esperada por muitos) [vitória de Thelma Assis](#) na noite desta segunda-feira (27).

O diferencial do BBB 20, para além do fato de o elenco, pela primeira vez, ser composto por anônimos e famosos, já começou a despontar na segunda semana de confinamento. Depois da formação do segundo paredão, [todas as participantes mulheres se uniram para confrontar os brothers que confabulavam uma estratégia machista](#) para se dar bem na disputa.

O plano de boa parte dos meninos da casa — **Babu Santana**, **Pyong Lee** e **Victor Hugo** não estavam envolvidos — era seduzir (alô, autoestima!) as participantes comprometidas para que elas tivessem alguma atitude que seria desaprovada pelo público, eliminando suas chances de se dar bem na disputa. **Lucas Galina** e **Petrix Barbosa**, que participavam da estratégia, também tinham namoradas fora da casa, mas contavam com a certeza de que um “deslize” da parte delas seria muito mais mal visto que qualquer

comportamento desleal deles. Uma ilustração perfeita de como o machismo estabelece [uma dupla moral para homens e mulheres na sociedade](#).

O plano tinha sido revelado para **Marcela** e **Gizelly**, que depois da formação do segundo paredão, decidiram abrir o jogo e contar a estratégia para as companheiras de confinamento. E elas não deixaram barato. Unidas — mais um ineditismo dentro do reality show — confrontaram os participantes que sabiam que estavam por trás do que apelidaram de “**teste de fidelidade**”, especialmente **Hadson**, tido por elas como o criador da jogada. Fora da casa, o público sabia do envolvimento dos outros.

O embate definiu o que viria a ser o principal fio condutor do BBB 20: a união das mulheres contra as atitudes machistas dos participantes. Marcela ganhou protagonismo, especialmente depois que os participantes da **casa de vidro** entraram no confinamento e confirmaram sua versão dos fatos, e chegou a ser considerada favorita ao prêmio. Os brothers não entenderam que não poderiam fugir de ser confrontados com suas próprias atitudes machistas. Por mais que tentassem se convencer que “aquilo era um jogo” e que valia tudo, o público — especialmente o feminino, muito mobilizado nas redes sociais — não perdoou.

Ao longo das semanas, todos os envolvidos na estratégia do “teste de fidelidade” ou que tiveram outras atitudes machistas dentro da casa — Petrix e Pyong foram acusados de assédio e Guilherme de ter comportamentos abusivos no seu relacionamento com Gabi — foram sendo eliminados.

A disputa poderia parecer mais ou menos definida, mas outra história se desenrolava paralelamente e seu protagonista era o ator **Babu Santana**, que já tinha uma torcida grande fora da casa. O participante foi constantemente enviado ao paredão sob justificativas rasas de boa parte das sisters que haviam se unido no início do programa — especialmente Marcela, Gizelly e Ivy. Enquanto o grupo, batizado de “comunidade hippie” por Manu Gavassi, era tolerante com os comportamentos de Daniel, um homem branco que perdia estalecas a todo minuto por descumprir as regras do confinamento, taxavam Babu, um homem negro, de “monstro” e “agressivo” e o isolavam.

Em entrevista à [Celina](#) publicada no dia 20 de março, a socióloga **Winnie**

Bueno explicou que atribuir a todo momento a agressividade a uma pessoa negra, seja ela homem ou mulher, é um [exemplo de estereótipo racista](#). “Essa ideia pode justificar, por exemplo, o tratamento que a polícia dá à população negra. Porque se esses homens e mulheres são agressivos, o estado tem permissão para ser agressivo também”, afirmou.

As atitudes consideradas racistas foram criticadas por boa parte do público e as “fadas sensatas” perderam a popularidade. Dentro da casa, elas foram confrontadas pela amiga **Thelma Assis**, que desde o início do programa também se identificara e mantinha uma amizade com Babu, apesar de ambos participarem de grupos diferentes no jogo. As participantes inclusive questionaram a lealdade de Thelma a Babu, sem entender (ou querer entender) que ao tratá-lo dessa forma estavam reproduzindo o racismo e acabaram isolando a anestesista também.

A própria Thelma ouviu comentários racistas dentro da casa e enfim se aproximou de **Rafa** e **Manu**. A perseguição a Babu e o isolamento de Thelma fez com que o trio se afastasse das outras participantes e se aproximasse do ator. O quarteto chegou a semi-final junto.

Faltou as outras participantes, e a boa parte das mulheres brancas que acompanhavam o programa, entender que pouco adianta lutar para que a sociedade se livre dos seus comportamentos e vícios machistas se não lutarmos para que os comportamentos e vícios racistas também sejam abolidos.

Se o desfecho do programa tivesse sido outro, acharia que não tínhamos aprendido nada nestes quase cem dias de confinamento televisionado. Mas [a vitória de Thelma](#), além da sua potente **representatividade**, mostra que BBB 20 ensinou muita coisa a muita gente, inclusive a mim. Thelma se manteve coerente com aquilo que acreditava, apontou as falhas nas atitudes das próprias amigas e não calou, nem diante do machismo e nem diante do racismo. Thelma é exemplo de força e de coragem e mostra que a luta feminista será [antirracista](#) ou não será.

Por Leda Antunes

O que podemos aprender sobre violência sexual com denúncias do caso Prior?

Na sexta-feira (3), três denúncias de estupro e tentativa de estupro [contra o ex-participante do BBB Felipe Prior foram reportadas em matéria da revista Marie Claire](#). Os casos saíram da esfera judicial e, nas redes sociais, expuseram as mulheres denunciantes a julgamentos: afinal, elas “ganham” algo com a denúncia? Por que “demoraram tanto” para falar? E o que é considerado estupro?

[\(Universa, 06/04/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Além das informações inerentes ao caso que, de acordo com [entrevista de uma das advogadas das denunciantes para Universa, Maira Pinheiro, deve ter um desfecho demorado](#), o caso Prior nos ensina sobre alguns elementos que se associam a denúncias de violência sexual feita por mulheres.

Violência sexual: o que caso Prior pode nos ensinar sobre tema

1. Nomes das vítimas devem ser mantidos em sigilo

Na reportagem-denúncia, os nomes das mulheres que teriam sido violentadas por Felipe Prior foram preservados sob pseudônimos. Maira afirma que, se depender delas, o sigilo sobre as identidades se manterá — apesar de circular no Twitter um laudo médico que foi divulgado “sem intenção” apresentando o nome de uma pessoa responsável por uma das denunciantes [o material foi apagado da rede social].

“A mulher que reporta um fato desse não se beneficia em nada. Se se identifica, a tendência é a de ser vitimada pelo resto da vida”, disse a advogada. Tornar públicos os nomes das vítimas em casos de denúncia de violência sexual pode gerar o efeito de muitas pessoas se sentirem no direito de confrontá-las — ainda que o julgamento caiba à esfera judicial — e culpabilização da vítima.

Esse é, aliás, um dos pontos abordados no relatório [Imprensa e Direitos das Mulheres: papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual, do Instituto Patrícia Galvão, e divulgado no final de 2019](#).

O estudo mostra que, na cobertura de crimes sexuais, há falhas no sigilo da identidade das vítimas, o que é fundamental para a preservação de sua imagem, dignidade e memória. Segundo a autora, 4,24% das matérias analisadas para a pesquisa tinham imagens das vítimas. Em 12,19% do total, o texto dá pistas de reconhecimento dessas mulheres. “[Neles,] é possível de alguma forma identificar a vítima, seja pelo detalhado relato de quem ela é ou pela difusão das iniciais, apelidos e outros elementos identificadores (nome do autor e a relação que a vítima mantinha com ele, por exemplo)”.

2. A culpa nunca é da vítima

Em situações de violência de gênero, ou seja, casos de [feminicídio](#), violência doméstica e em denúncias de violências sexuais, a culpa nunca é da vítima. [“O que ela fez para merecer?”](#), [“Ela estava bêbada?”](#) ou outras tentativas de transferir a motivação do crime para a vítima são questionamentos que não se justificam. E mais: o fato de uma pessoa estar bêbada não só não é justificativa para um estupro como aumenta a pena do agressor, segundo Código Penal: em caso de estupro, a pena é de 6 a 10 anos de prisão; quando a vítima não consegue oferecer resistência ao ato por qualquer motivo, a condenação vai para entre 8 a 15 anos.

3. O “não” define estupro

Forçar a barra, quando a mulher recusa certa posição sexual. Ameaçar, seguir o ato sexual depois de um “não”. [Isso é considerado estupro, segundo especialistas](#). “Se a mulher mudou de ideia, ainda que no meio da relação,

não se pode manter a relação. Os homens precisam ficar atentos na questão do ‘sim’ e do ‘não’. É o ‘sim’ e o ‘não’ que vai pender na balança do que pode caracterizar o estupro”, explicou a promotora do Ministério Público de São Paulo Fabiana Dal`Mas, do GEVID (Grupo de Atuação Especial de Enfrentamento à Violência Doméstica) para Universa.

Vale, ainda, ficar atento ao que prevê o Código Penal no caso de estupro e de estupro de vulnerável:

- Estupro: constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso;
- Estupro de vulnerável: ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 anos.

4. A vítima pode denunciar tardiamente

Dependendo da forma com que o crime foi cometido, o prazo para prescrição pode chegar até 20 anos. E se a mulher foi agredida na infância, pode denunciar na fase adulta: aí, o prazo de prescrição do crime é de 20 anos contando do momento em que ela fez 18.

5. Há canais de ajuda

É importante que a mulher saiba que existe uma rede nacional de enfrentamento à violência contra a mulher. A [Lei Maria da Penha](#) também ampara a todas que sejam vítimas de violência. Há formas de denunciar: pelo telefone 180 e pelo e-mail ligue180@spm.gov.br.

Com informações da matéria [Mas afinal, o que é ou não estupro? Entenda as formas da violência sexual.](#)

Ex-BBB Felipe Prior foi acusado de estupro. Entenda o que diz a lei sobre esse crime e por que muitas mulheres demoram para denunciar

Advogada criminalista Clara Masiero responde dez dúvidas sobre o caso, revelado pela revista Marie Claire

[\(Celina/O Globo, 04/04/2020 - acesse no site de origem\)](#)

RIO - Eliminado do “**Big Brother Brasil 20**” num [paredão histórico](#), **Felipe Prior** deve enfrentar uma acusação criminal fora da casa. Usando pseudônimos para proteger suas identidades, três mulheres deram depoimentos à revista **Marie Claire**, acusando o ex-BBB de [estupro](#) e tentativa de estupro entre os anos de 2014 e 2018. Em suas redes sociais, Prior negou as acusações.

A [reportagem publicada na manhã de sexta-feira \(3\)](#) traz relatos fortes das mulheres que acusam o ex-BBB. Todas relatam terem sido violentadas por Prior no contexto dos jogos universitários das faculdades de arquitetura e urbanismo do estado de São Paulo, a InterFAU. Prior era aluno da curso de arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. A comissão organizadora da InferFAU se posicionou sobre o caso, confirmando que o ex-BBB foi expulso dos jogos após denúncia de assédio em 2018.

De acordo com a revista, os depoimentos das vítimas estão na notícia crime protocolada no Departamento de Inquéritos do Fórum Central Criminal em 17 de março de 2020. Segundo a coluna da jornalista **Patrícia Kogut**, o Ministério Público do Estado de São Paulo [já solicitou a abertura de inquérito policial](#) para apurar as denúncias contra o ex-participante do reality show.

Em suas redes sociais, Prior informou, por meio de sua assessoria, que não tomou conhecimento do teor das acusações “de crimes que jamais cometeu, e

que jamais cometeria.” A nota diz ainda que, por enquanto, Prior repudia as informações que considera “levianas” sobre supostos fatos ocorridos há anos e que, “somente agora, depois de ter adquirido visibilidade pública, são manobrados.” A nota assinada pelos advogados afirma que o ex-BBB está à disposição das autoridades para qualquer tipo de questionamento.

O assunto foi um dos mais comentados nas redes na sexta-feira. A hashtag **#PriorEstuprador** passou boa parte do dia entre as mais comentadas no Twitter. Muita gente resolveu opinar sobre o que é ou não é [estupro](#), relativizar o crime e desacreditar a palavra das vítimas entrevistadas pela reportagem.

[CELINA](#) conversou com a advogada criminalista **Clara Masiero**, coordenadora de cursos do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, para esclarecer algumas dúvidas. A jurista explicou o que, pela lei, é considerado **estupro**, e porque muitas vezes as mulheres demoram para denunciar esse tipo de crime.

Ela explica que não é preciso que haja penetração para que o ato seja considerado estupro. Além disso, afirma que, mesmo que inicialmente a vítima tenha concordado em ter uma relação sexual, pode mudar de ideia a qualquer momento e por qualquer motivo e, se não houver mais consentimento de ambas as partes, está configurado o crime. Masiero diz ainda que muitas mulheres demoram para se perceber como vítimas de estupro e temem denunciar e ser culpabilizadas pela sociedade.

Veja abaixo dez perguntas e respostas sobre o que define um estupro e porque é tão difícil denunciá-lo.

1) O que a lei define como estupro e tentativa de estupro?

Estupro é o ato de constranger alguém mediante violência ou grave ameaça a praticar ato libidinoso. O sujeito que pratica o estupro tem a intenção de satisfazer a lascívia dele, ou seja, tem uma intenção sexual sobre a vítima, e para satisfazer essa intenção, usa de violência ou grave ameaça. Há uma grande discussão filosófica se o estupro é de fato motivado por uma intenção

sexual ou se é uma intenção de imposição de poder do masculino sobre o feminino.

Pela lei brasileira, não é necessária a conjunção carnal para configurar o crime de estupro. Ela já foi necessária, até 2009, mas, hoje em dia, não. Qualquer ato que tenha essa intenção de satisfação de lascívia é considerado estupro. Lembrando que tem que haver o constrangimento, a imposição de uma vontade sobre a vontade da outra pessoa [mediante violência ou grave ameaça](#).

Na tentativa de estupro, o sujeito tem a intenção de praticar estupro, inicia a execução do ato, mas não consegue satisfazer a lascívia por circunstância alheia a sua vontade. Está cada vez mais difícil configurar tentativa de estupro, porque basta qualquer ato libidinoso com violência ou grave ameaça para configurar estupro consumado.

2) Então não é preciso ter penetração para ser considerado estupro?

Não. Pode ser qualquer ato libidinoso. É aquele ato entendido como ato sexual voltado para uma satisfação da lascívia, como o Código Penal chama.

3) Quando a vítima inicialmente concordou em ter a relação sexual, mas mudou de ideia e expressou que não queria continuar, o ato ainda é considerado como estupro?

É importante ficar claro isso. Se a vítima estiver consentindo, iniciou uma prática sexual com alguém, então não tem violência, não tem grave ameaça. Mas em qualquer momento ela pode dizer que não quer mais. No momento que ela diz 'não quero mais', cessou o consentimento. Se o outro não aceitar o não e quiser continuar algo que iniciou, usando de constrangimento ou imposição violenta, teremos a configuração do estupro. Se a pessoa ficar forçando a barra e usando força, é violência. Força física é violência. Se eu digo não e ele segura meus braços e continua fazendo, mesmo eu dizendo

que não quero, é estupro.

4) Em um dos relato das mulheres que acusam o ex-BBB, a vítima diz que tinha concordado em transar, mas mudou de ideia porque não tinha preservativo. Isso também pode ser considerado estupro?

Isso é muito comum. É comum a mulher iniciar a execução de ato e se dar conta de que não quer mais, pode ser porque não tinha preservativo, porque mudou de ideia, não importa o motivo. O que importa é que, obviamente, no momento em que cessa o consentimento, cessa vontade de um lado, tem que cessar o ato. Se não cessar, se o outro lado forçar para continuar, vai estar usando de violência para satisfação de lascívia, portanto é estupro.

5) Nos casos relatados, e outros tantos muito comuns no ambiente universitário, a vítima está em ambiente de festa, costuma estar embriagada. Essa vulnerabilidade é levada em conta na hora de tipificar o crime?

Pode ser levada em conta. Se houver vulnerabilidade a ponto de a vítima não ter condições de consentir — que pode ser a idade, ou o estado de embriaguez — o Código Penal dispensa a necessidade de haver violência ou grave ameaça. Isto é, se eu tiver relação com outra pessoa que está em estado de vulnerabilidade, eu já consumo estupro de vulnerável, independentemente da utilização de violência. A violência nesse caso é presumida, porque a pessoa não tem como oferecer resistência.

5) Quais são as punições previstas para estupro e tentativa de estupro?

O estupro tem pena de 6 a 10 anos de reclusão. Se for estupro de vulnerável

é 8 a 15 anos. E, na tentativa, a pena é reduzida em um ou dois terços. Quanto mais perto o sujeito ficou de consumir o ato, menor a redução.

6) Por que muitas mulheres levam tanto tempo para denunciar?

É uma questão da sociedade machista e patriarcal. As mulheres, muitas vezes incluídas num pensamento machista, não se enxergam como vítimas. Ficam na dúvida. E, historicamente, no próprio Judiciário, os agentes do direito julgavam as vítimas e não os estupradores. Por muito tempo se questionou se a vítima não era culpada, se ela que não olhou o estuprador de uma forma diferente, se não estava com uma saia muito curta, se não se passou. O julgamento volta para a mulher. Então a mulher pode ter medo dessa dupla vitimização que o estupro gera. A mulher é vítima de um crime e, depois, quando denuncia, é revitimizada, sofre novamente. Isso prejudica bastante a mulher a se enxergar como vítima e ter coragem de falar. Ela sente vergonha, porque sabe que, no fundo, vai ser julgada por aquilo. As pessoas vão pensar que ela tem culpa. E isso é muito grave. Então, às vezes, deixar de denunciar, é uma forma de preservação.

8) Também pesa o fato da palavra das mulheres sempre ser relativizada nestes casos?

Isso é muito presente. Nem sempre a voz da mulher recebe o crédito devido. A mulher tem sua comunicação muitas vezes relativizada pela sociedade. Há uma tendência em acreditar no homem e não na mulher. Isso é outro fato que vai se somar aos demais para dificultar a decisão de denunciar um estupro.

9) O crime de estupro é difícil de provar? Como o sistema judiciário lida com isso?

É um crime difícil de provar porque nem sempre deixa marca, mesmo que seja denunciado logo. Isso acontece sobretudo nessas hipóteses em que a

gente vê que houve um consentimento prévio, mas que deixou de existir em determinado momento. Então, se não houver uma violência muito grave, uma marca, é difícil de comprovar dessa forma. É um crime que acontece num âmbito muito privado. Muitas vezes é só a palavra da vítima contra a palavra do estuprador. A Justiça, cada vez mais, tem percebido que muitas vezes a única prova vai ser a palavra da vítima. Aí vai tentar combinar a palavra dela com algum outro elemento de corroboração. Às vezes, a própria narrativa do autor pode corroborar a da vítima, trazer verossimilhança e convencer o juízo.

Entenda: [Por que é tão difícil identificar um relacionamento abusivo \(e sair dele\)](#)

10) É comum que mais vítimas venham à tona no momento em que as denúncias ganham visibilidade?

Sim, quando mais mulheres falam, isso fortalece a vítima, à medida que ela vê que isso não aconteceu só com ela. É uma forma também das vítimas se apoiarem, de dividirem as tensões da revitimização que vai acontecer quando a denúncia vier a público. Isso fortalece a própria conscientização, se entender como vítima. Ela consegue perceber: se isso é estupro, eu também fui estuprada. Há uma dúvida da mulher, de entender que foi vítima de estupro. Ela sabe que aquilo não foi certo, ficou com um sentimento ruim, mas não sabe se aquilo foi estupro, pensa se não era culpa dela. Até no [caso do João de Deus](#), eu tive contato com um caso de uma menina que sabia que tinha algo errado, mas só se deu conta que tinha sido violentada depois que leu as notícias. Isso acontece também, de se perceber vítima, de cair a ficha, quando vê outra pessoa denunciando.

Por Leda Antunes

Caso Rodrigo Branco. Até quando nós, brancos, vamos deixar racismo para lá?, por Nina Lemos

[\(Universa, 01/04/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Na segunda-feira à noite, um guia turístico “amigo” de várias celebridades, entre elas Xuxa, Rodrigo Faro e Ivete Sangalo (e por isso meio famosinho na internet também), cometeu crime de injúria racial ao vivo, em uma live. O guia turístico Rodrigo Branco, ex-diretor da Band, disse as seguintes coisas:

Sobre Thelma, a única mulher negra no BBB: “Ela tem torcida só porque é negra e coitada.”

Sobre Maju Coutinho: “ Eu assisti hoje ao Jornal Hoje e ela fala tudo errado. Ela só está lá por causa da cor. Ela não tem uma carreira, ela nunca foi repórter de campo, ela fala tudo errado e eu como diretor de TV, vou te falar, ela lê o TP (teleprompter) errado”.

Quando li que isso tinha acontecido, pensei que talvez esse fosse um assunto para esse blog. Depois concluí que o sujeito não era ninguém famoso de verdade, que eu nem sabia quem ele era e disse para mim mesma: “ah, deixa para lá. Não vou dar palco para esse cara.” E, de fato, “esqueci” o assunto.

Fui surpreendida, na noite de terça-feira e na manhã dessa quarta por vários posts no Instagram publicados por amigos negros e ativistas que admiro. Eles diziam: “O seu silêncio é racismo!”. Epa! Será que estão falando comigo? Eu estou em silêncio. Comecei a ficar incomodada comigo mesma. Eu tinha me calado.

Eu, que vivo denunciando machismo, racismo (sim, eu tento) e homofobia... tinha decidido “deixar para lá”.

Será que eu teria feito o mesmo se o cara tivesse soltado uma frase

terrivelmente machista e eu me sentisse atingida? Será que eu não estava simplesmente naturalizando o racismo quando disse para mim mesma “deixa quieto?”

Provavelmente sim. Para nós, jornalistas brancos (e brancos em geral, seja qual for a profissão), o racismo não dói na pele como dói para um negro. E eu, que cresci em uma sociedade racista, achei que o sujeito era “mais um cara”, que o que tinha acontecido era “APENAS mais um caso”. Só que não existe “apenas mais um” quando o assunto é racismo, né? Mas nós, brancos, de fato, muitas vezes deixamos para lá.

Precisamos, mesmo, levar chacoalhões, como o que levei lendo um post da minha amiga irmã Claudia Lima, editora da Vogue. “Ei, branco, você é mesmo antirracista?”, ela postou.

E escrevi um texto em que dizia, entre outras coisas, que “não basta gostar do Mano Brown, achar a Naomi Campbell e a Michelle Obama “incríveis”, repetir frases da Angela Davis e outros tantos pensadores e pensadoras negras porque é “cool” se você fica em silêncio diante de uma demonstração de racismo.”

Eu tinha ficado em silêncio. E, enquanto escrevo, a maioria das celebridades que já postaram fotos com o tal guia estão fingindo que não é com elas.

Até a publicação desse texto, apenas Preta Gil, que é negra e sente na pele, tinha se pronunciado. “Não poderei e não quero te defender” disse sobre o, até esse episódio, amigo. “O que ele fez é muito grave, muito sério. E que assumo e pague as consequências dos seus atos. E, como mulher preta, tenho caminhado cada dia mais sobre o processo da luta antirracista. Então, aprendam de uma vez por todas, não se tolera e nem relativiza mais essa mazela na nossa sociedade que já causou tanta dor e sofrimento”.

Preta, minha amiga Claudia e todos os ativistas estão mais que certos em gritar, nos fazer pensar e tentar abrir os nossos olhos. A gente tem a chance de escutar, aprender e repensar a nossa atitude de “deixar para lá”. Ou não. E como eles me alertaram, se você “deixar para lá”, está, sim, sendo conivente...

Ah, e ao contrário do que alguns colegas estão escrevendo, o que disse Rodrigo Branco não foi “polêmico”, ok? Foi crime mesmo.

Por Nina Lemos

Internautas acusam pai de assediar a própria filha no ‘BBB’

Selinho e carícias consideradas ‘íntimas’ demais estão sendo criticadas nas redes sociais

[\(Emais, 23/01/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Apesar de a 18ª edição do *Big Brother Brasil* ter tido apenas seu primeiro dia de pay-per-view, alguns momentos envolvendo a família Lima, os primeiros participantes da casa, vêm dando o que falar nas redes sociais - [além das postagens preconceituosas que vieram à tona.](#)

No Twitter, um dos assuntos mais comentados do dia foi a hashtag #ForaFamíliaLima, criada por fãs que viram alguns ‘excessos’ na relação entre Ayrton e Ana Clara, pai e filha.

Em um momento na primeira festa do programa, Ayrton deu um selinho na filha, o que causou estranheza nos fãs. Em outro, ele deita sobre a filha quando ela está na cama, e faz movimentos considerados estranhos. Por fim, durante uma brincadeira na piscina, ele beija sua barriga e coloca a mão na região da genitália de Ana Clara.

Em todos os momentos em que os contatos físicos ocorreram, estavam acompanhados por outros membros da família, como o primo Jorge e a mãe Eva.

Os momentos estão causando furor nas redes sociais, e alguns fãs já falam

até mesmo em expulsão.

Não é a primeira vez que os espectadores clamam pela expulsão de participantes. Em 2017, Marcos Harter [foi expulso após ser acusado de agredir sua então namorada na casa](#), Emilly Araújo. No mesmo ano, fãs de *A Fazenda* [pediram sua expulsão no reality da Record TV](#) por suposta violência psicológica sobre Flávia Viana.

Confira abaixo os momentos citados. A seguir, veja também algumas das reações dos internautas.

Gente que isso????? Nunca vi pai e filha se beijarem assim :s [#bbb18](#)
pic.twitter.com/OnywlZ7Pnb

— fabs (@eumesmafabii) [23 de janeiro de 2018](#)

gente isso é Pai e Filha? Por que eu tô enxergando outra coisa [#BBB18](#)
<https://t.co/O9tLzY3060>

— natan ☐ (@empoderax) [23 de janeiro de 2018](#)

Gente olha isso! Mds, ele beija a barriga dela e depois passa a mão na PPK, DA FILHA!! EU TÔ MUITO HORRORIZADO [#BBB18](#)

pic.twitter.com/b8RL6BLOx9

— Realitys (@TimeRealitys) [23 de janeiro de 2018](#)

o pai beijando a filha, sarrando, beijando a barriga e colocando a mão na parte íntima dela , o sobrinho também e mãe parece que se faz de tapada, isso aí que vocês chamam de representar a família brasileira ? [#BBB18](#)
[#forafamilialima](#)

— Jennifer (@milaacabello) [23 de janeiro de 2018](#)

DESCULPA MAS NÃO, EU NÃO CONSIGO ACHAR NORMAL:

*Um pai beijar mais a filha do que a esposa
Encoxar a filha o tempo todo
Beijar a barriga dela
Deitar em cima e fazer movimentos estranhos*

*É UM MUNDO FORA DA MINHA REALIDADE, TÔ ACHANDO MUITO
ABSURDO [#ForaFamiliaLima](#) [#BBB18](#) pic.twitter.com/FCS1QGX1cC*

— mis ☐ (@MisComenta) [23 de janeiro de 2018](#)

*o pai beijar mais a filha do que a esposa, encoxar a filha o tempo todo,
beijar a barriga dela, deitar em cima e fazer movimentos estranhos,
sobrinho sonso e mãe planta*

*essa edição não podia ter começado pior
[#ForaFamiliaLima](#)*

— rafael (@rafaelkjs) [23 de janeiro de 2018](#)

*se pra vcs esse tipo de selinho é normal entre pai e filha EU TÔ MUITO
ERRADA DA CABEÇA VIU [#BBB18](#) pic.twitter.com/Ue4AzclWmX*

— theinsecurity (@fakerIIh) [23 de janeiro de 2018](#)

*horrorizado com beijo entre pai e filha. [#bbb18](#)
pic.twitter.com/arQ7kMUNBo*

— Gui (@Aguinaldinho) [23 de janeiro de 2018](#)

*o pai beija beija a filha
o pai sarra a filha
o pai passa amão nas partes intimas da filha*

*o pai da em cima da própria filha
essa família não representa nenhuma família brasileira, isso é incesto*
[#ForaFamiliaLima #BBB18 pic.twitter.com/8vtNNWpuFc](#)

— Samantha (@iSamantha) [23 de janeiro de 2018](#)

*Olha a mão do pai na xota da Filha dentro da piscina.
Ai caralho, chega dessa porra Boninho.*

— K E L L Y ☐ (@KellyCRF_) [23 de janeiro de 2018](#)

Ex-BBB Laércio é condenado a 12 anos por estupro de vulnerável

O ex-BBB Laércio de Moura foi condenado a doze anos de prisão por estupro de vulnerável e armazenamento de material (foto ou vídeo) contendo cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente pela Vara de Infrações Penais contra Crianças, Adolescentes e Idosos do Foro Central da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba. A decisão é do final de agosto e foi divulgada pelo Ministério Público do Paraná nesta terça-feira (12).

[\(Gazeta Web, 13/09/2017 - acesse no site de origem\)](#)

A decisão é em primeira instância, ou seja, cabe recurso. Procurado por VEJA, o advogado de Laércio, Ronaldo Manoel Santiago, afirmou que vai recorrer. De acordo com o advogado, o designer de tatuagem recebeu a notícia da condenação “com muito pesar, afinal foi condenado por uma coisa

que não fez”.

Laércio está preso preventivamente desde maio de 2016, após operação do Núcleo de Proteção à Criança e ao Adolescente Vítimas de Crimes (Nucria), ligado à Polícia Civil do Paraná. Ele foi acusado de dois crimes: de ter oferecido bebidas alcoólicas e de ter estuprado uma menor, à época com 13 anos. A vítima confirmou as acusações à polícia e forneceu prints (cópias) de conversas mantidas com Laércio pela internet.

No mês seguinte, em junho do ano passado, o ex-BBB foi denunciado pelo MPPR por estupro de vulnerável, armazenamento de conteúdo de pornografia infantil e tráfico de drogas, sendo condenado pelos dois primeiros crimes e absolvido do último.

As investigações sobre Laércio tiveram início em 2016, a pedido do MPPR, que acolheu denúncias feitas por espectadores do Big Brother Brasil. No programa da Rede Globo, o designer de tatuagem afirmou gostar de se relacionar com garotas mais novas.

MP entra com recurso para que ex-BBB Marcos Harter responda por violência doméstica

Promotores pedem que caso seja enquadrado na Lei Maria da Penha

[\(R7, 08/06/2017 - acesse no site de origem\)](#)

O polêmico caso de agressão envolvendo os ex-participantes do Big Brother Brasil Marcos Harter e Emilly Araújo ganhou um novo capítulo nesta quarta-feira (7). O MP (Ministério Público) do Rio entrou com recurso contra a decisão da Justiça que desqualificou os delitos do ex-BBB como crimes de

violência doméstica. [Marcos foi denunciado em abril por lesão corporal](#), nos moldes da Lei Maria da Penha, segundo o MP.

Durante o programa, ele e Emilly, com quem mantinha um relacionamento dentro do reality show, protagonizaram cenas de discussões acaloradas. Em uma das brigas, Marcos teria agredido a jovem.

Entretanto, o Juizado da Violência Doméstica da Capital, na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio, declinou a competência do caso para o Juizado Especial Criminal.

Para os promotores de Justiça Barbara Salomão Spier e Mauricio Cesar do Couto o fato do agressor manter ou ter mantido relacionamento íntimo de afeto com a vítima é o que enquadra o caso na aplicação da Lei Maria da Penha. O recurso do MP pede que se dê prosseguimento normal ao processo criminal e ressalta que não resta dúvida de que havia uma relação amorosa entre Marcos e Emilly.

“Vale salientar que tanto o recorrido quanto a vítima, ouvidos em sede policial, referiram-se ao namoro mantido, por aproximadamente dois meses, durante a edição do programa”, diz o documento, que também inclui imagens de cenas do programa, nas quais as agressões teriam acontecido.

De acordo com a denúncia, na festa Retrô, que aconteceu no programa, Marcos agrediu a jovem com fortes beliscões, que causaram um hematoma no braço esquerdo da vítima, por motivo fútil, que seria ciúmes. Em outro momento, teria ofendido novamente a integridade corporal de Emilly, de acordo com os procuradores, ao dar um apertão no antebraço direito, que acarretou um novo hematoma roxo. As lesões constam em laudo de corpo delito.

Para o promotor de Justiça Gianfilippo Pianezzola, os crimes foram praticados no âmbito de uma relação íntima de afeto, já que Marcos mantinha um relacionamento amoroso com Emilly. Segundo ele, as agressões físicas e psicológicas suportadas pelas vítimas, causadoras de dano físico e emocional, consistem forma de violência doméstica e familiar.

A violência contra a mulher ganha mais um capítulo na rede Globo

Expulso do Big Brother, Marcos responde inquérito por agressão de sua companheira Emily

Nesta segunda-feira, uma semana depois da TV Globo ter afastado o ator José Mayer, acusado de assédio sexual, a edição do Jornal Nacional já anunciava que algo diferente aconteceria no Big Brother Brasil, reality show de maior sucesso da televisão brasileira. Poucas horas depois, quando o programa veio ao ar, o apresentador Thiago Leifert anunciou que o competidor Marcos Harter, 37 anos, estava sendo expulso da competição. O motivo foram as contínuas discussões entre Marcos e a estudante Emily Araújo, 20, que terminaram, em diferentes ocasiões, em gritos, apertões, beliscadas e terror psicológico.

[*\(El País, 12/04/2017 - acesse no site de origem\)*](#)

As cenas, em que Emily reclamou de dor diferentes vezes, impressionaram um país já sensível com a temática do assédio sexual desde que a denúncia da figurinista Sullem Tonani veio a público. Alguns internautas e telespectadores já cobravam ações da TV Globo para o caso, mas foi na última discussão, em que Marcos encurralou Emily e gritou em seu rosto, que as redes sociais foram tomadas por pedidos de expulsão do competidor.

Leia mais:

[Caso de Emilly é comum: dificuldade de enxergar que vive relação abusiva \(UOL, 11/04/2017\)](#)

[Experimente trocar a palavra Emilly por “sua filha”, por Lia Bock \(UOL, 11/04/2017\)](#)

[Após expulsão no ‘BBB’, web discute relacionamento abusivo \(O Estado de](#)

[S.Paulo, 11/04/2017\)](#)

[Nota de repúdio sobre BBB 2017 e Rede Globo: Por que expulsar o agressor não basta, por Rede Mulher e Mídia](#)

[Após agressão, Marcos é expulso do 'BBB 17' \(O Globo, 10/04/2017\)](#)

Nas imagens, vê-se que num primeiro momento o participante tentou passar uma impressão de autocontrole. Deu risada do nervosismo de Emily, que reclamava de falta de apoio do parceiro na competição, e fez gestos para que, em português corrente, ela abaixasse a bola. Se a tentativa foi mostrar que controlava a situação, não conseguiu. A atitude exalava cinismo. Não à toa, daí ao momento em que ele encurralou seu par contra a parede, botou o dedo em seu rosto calando sua boca, e começou a gritar, foi uma virada de centésimos de segundos.

As cenas correram a internet até chegarem à delegada Márcia Noeli, diretora da Divisão de Polícia de Atendimento à Mulher, do Rio de Janeiro. “Eu não assisto ao programa, mas quando vi as imagens logo percebi que se tratava de um caso clássico de violência doméstica que poderia ser enquadrado na Lei Maria da Penha”, diz Noeli. Para ela, a intimidação e o fato de ele não deixar espaço para Emily falar são sinais claros de violência. Ao pesquisar na internet sobre a relação dos dois, Noeli descobriu uma série de outros vídeos em que os dois discutiam e Emily reclamava de dores. Em um deles, depois de ter o braço apertado, a estudante aparecia com um roxo.

“Quando a coisa fica na agressão verbal, na intimidação, não é possível abrir inquérito sem a denúncia da vítima, mas ao ver a imagem em que ela aparecia ferida, levei o caso para a delegada Viviane da Costa que abriu o inquérito”, diz Noeli. Ao anunciar a expulsão de Marcos, Leifert disse que com base na abertura de inquérito, a Globo teve uma “nova e profunda conversa com Emily, inclusive com exame médico” e que “comprovados os indícios de agressão física”, a Globo resolveu tirar o competidor do programa. Agora, o caso segue em investigação. Em seu Facebook, Marcos disse que “como todo casal” eles passaram “por momentos de alegria, ansiedade, euforia e tensão” e que ele nunca teve “a intenção de machucar física ou emocionalmente” a parceira.

Para a promotora de Justiça Gabriela Manssur, especializada em violência

contra a mulher, as imagens não deixam dúvidas sobre a intenção de Marcos. Ao saber da expulsão dele, contudo, Emily chorou copiosamente e disse “não saber por que aquilo estava acontecendo”. “Hoje, entre 25 pessoas que atendi, ao menos cinco mulheres estavam na mesma situação de Emily: eram vítimas de um relacionamento abusivo que não conseguiam reconhecer, assumindo para si a culpa pela ação deles”, diz Manssur. Segundo ela, se há algo de positivo no episódio é deixar claro do que se trata o abuso dentro de relacionamentos. “Toda mulher ao assistir essas imagens lembra-se de algo que já viveu ou presenciou”, reflete a promotora.

Não por acaso, quando o programa do dia foi encerrado e durante toda a madrugada e manhã desta terça-feira, a hashtag #EuViviUmRelacionamentoAbusivo dominou as redes sociais. Com ela, inúmeros relatos pessoais de casos de abuso começaram a ser compartilhados. A palavra sororidade, que significa a empatia e companheirismo entre mulheres, passou a ser repetida. Para Manssur, o caso acabou trazendo um salto de percepção: o discurso defendido por ativistas e profissionais ligadas aos direitos das mulheres ganhou uma dimensão nova ao aparecer tão claramente em um programa de massa que oferece ao telespectador a possibilidade de interferir no destino dos participantes. “Ficou claro o que é abuso e ficou claro também que não é apenas uma questão de defender uma causa, mas de conhecer seus direitos”, diz.

A conduta da TV Globo e o papel dos homens

Entre a agressão de Marcos e a expulsão do participante do programa, um dia se passou. Por isso, e por ter emitido sinais trocados - em que o apresentador Leifert chegou a dizer que, “o comportamento do casal nos preocupa” para logo depois afirmar que “as atitudes do Marcos nos preocupam” -, a emissora foi criticada em um primeiro momento. Depois, quando se decidiram pela expulsão, disseram que só o fizeram com certa demora, pois estavam esperando o parecer técnico da Polícia Civil.

Seja como for, a verdade é que a conduta da Globo foi bem diferente do que havia sido em 2012, quando um competidor do mesmo Big Brother Brasil, foi acusado de estupro. Na ocasião, o suposto agressor foi excluído do programa por “comportamento inadequado”. O caso acabou encerrado quando a vítima

negou abuso sexual no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Dessa vez, a emissora deixou claro o motivo da expulsão. “A nossa casa está inserida em um contexto maior, que é o da lei”, disse Leifert. E, dirigindo-se ao público, falou que espera que o episódio faça as famílias que assistem ao programa refletirem sobre o que ocorreu.

“É claro que é valoroso que a discussão seja levantada em um programa de tamanha audiência e que a Globo tenha, no final, tomado a atitude correta, mas algumas coisas precisam ser ponderadas”, diz Letícia Bahia, editora institucional da revistaAzMina, publicação independente feminista. “É de se questionar porque a emissora não entrevistou antes sendo que as agressões vinham acontecendo sistematicamente. A Emily reclamou de dor, reclamou dos apertões, e a produção deixou o programa seguir? É importante lembrar que o Big Brother Brasil é um reality show, mas que ele também é roteirizado”, diz Bahia. Para ela, não se trata de condenar a emissora, mas de problematizar o papel dela no meio do caso.

Por fim, Bahia levanta o papel dos homens em episódios como esse. “Ao mesmo tempo em que surgiu a hashtag de apoio, surgiu também a hashtag #ForçaMarcos. Para além da culpa do Marcos, como fazemos para atingir esses homens que não refletem sobre o ocorrido e levam a questão como uma briga entre opositos?”, diz. A promotora Gabriela Manssur concorda: “A espada da lei não basta, não basta penalizar os Marcos, mas é preciso que eles enxerguem o abuso em suas ações, além de ser necessária a criação de mecanismos efetivos de ressocialização”. Bahia lembra que tais ações estão previstas na Lei Maria da Penha, mas que não fica claro qual órgão é responsável por tocar isso. “Em São Paulo existe um grupo de atendimento psicológico para homens acusado de agressão, mas é o único caso que conheço”, diz.

André de Oliveira

Ligue 180 recebe denúncias contra participante do BBB

O serviço Ligue 180, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres - SPM, registrou 58 chamadas no último domingo, dia 9, denunciando um dos participantes do Big Brother Brasil - BBB 2017 por violência física e psicológica contra outra concorrente do programa.

✘ Para a secretária Fátima Pelaes, os números revelam que há uma mudança de comportamento da sociedade brasileira em relação à violência contra as mulheres. “As pessoas passaram a identificar alguns comportamentos machistas e a reconhecê-los como crimes. À medida em que as vítimas têm amparo para denunciar e os agressores são punidos, mais a sociedade torna-se consciente e passa a reagir contra os abusos”.

Outros acontecimentos das últimas semanas, envolvendo celebridades e pessoas conhecidas do grande público, também deixam clara a nova postura dos brasileiros diante da condição de inferioridade que as mulheres em nosso país ainda vivem por conta de conceitos ultrapassados de machismo e patriarcado.

[\(SPM, 11/04/2017 - acesse no site de origem\)](#)

“As respostas rápidas de punição aos agressores resultam da mobilização da comunidade, dos movimentos de mulheres e da opinião pública que já não tolera algumas práticas e cobra a responsabilização de quem viola os direitos das mulheres”, avalia a secretária.

Mesmo com estas pequenas mudanças, os números da violência contra as mulheres seguem em ordem crescente, de acordo com os levantamentos do Ligue 180. E a solução passa por mais conscientização dos direitos femininos, combate ao machismo, promoção da igualdade entre mulheres e homens, apoio integral às vítimas e trabalho de responsabilização dos agressores.

A secretária explica que todo o trabalho da SPM está voltado para esta direção, em ações transversais dentro do próprio Governo e nas iniciativas

parceiras e cooperativas com diversas entidades. “A redução das desigualdades e o enfrentamento à violência contra a mulher é uma missão do Estado com toda a sociedade, onde cada cidadão tem um papel importante a desempenhar: construir um mundo mais igual de direitos e oportunidades”, sustenta Fátima Pelaes.